



DIREITO À CIDADE: O PROCESSO PARTICIPATIVO COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA URBANA NA COMUNIDADE NELSON MANDELA

Palavras-Chave: PROJETO PARTICIPATIVO; METODOLOGIA DE PROJETO; RESISTÊNCIA URBANA; EXTENSÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Autoras:

**LUANA GABRIELA DA ROCHA COSTA, FECFAU – UNICAMP
Profª Drª SILVIA MIKAMI PINA (orientadora), FECFAU – UNICAMP**

INTRODUÇÃO:

As cidades capitalistas neoliberais brasileiras foram marcadas pelo seu histórico de urbanização excludente, se tornando palco de grande desigualdade social, da invisibilidade dos vulneráveis, da segregação espacial e da negação dos direitos do cidadão para manutenção dos privilégios daqueles que monopolizam o poder. É nesse contexto que, desde meados da década de 1980, Campinas convive com diversas ocupações de terra urbana, algumas de grandes proporções como a região do Parque Oziel e Jardim Campo Belo, ambas no vetor sudoeste. Essa região apresenta um ritmo de ocupação urbana bastante intenso, que mesmo com algumas áreas ainda vazias, se consolida com o desenvolvimento de zonas industriais e a desapropriação de terras em prol da expansão de empreendimentos, como o aeroporto de Viracopos. Isso culminou na formação de uma extensa área habitacional de população de baixa renda, onde se concentra a maioria dos assentamentos precários e favelas, incluindo a comunidade Nelson Mandela, que é o objeto de estudo desta pesquisa.

Como reação à lógica predominante da urbanização corporativa, os movimentos e outras respostas de resistência passam a ocorrer, a partir das lutas sociais que têm promovido projetos e imaginários alternativos para a cidade, como as ocupações urbanas, movimentos por moradia digna e outras manifestações políticas e culturais na cidade. Neste contexto, essa pesquisa apresenta, registra e analisa os documentos e as estratégias adotadas para as ações e projetos de arquitetura e urbanismo participativos realizadas no contexto universidade-comunidade urbana Nelson Mandela, envolvendo o escritório modelo de Arquitetura e Urbanismo da Unicamp - Móbile. As ações e projetos foram realizadas em assessoria técnica com os moradores da ocupação Mandela, na escala da edificação e do desenho urbano, dentro do universo das atividades de extensão universitária, de forma integrada com as atividades de ensino e pesquisa. O estudo de caso explora a atuação dos estudantes de graduação no desenvolvimento do projeto e construção da nova sede da comunidade sob a lógica participativa e associativa, realizado entre o ano de 2020 e 2022.

ESTUDO DE CASO:

A Ocupação Nelson Mandela é uma das diversas ocupações que conformam o tecido urbano de Campinas. A ocupação teve início em 2016; em 2017 sofreu um despejo violento (fig.1), das quais as

600 famílias que residiam na área ocupada do jardim Capivari se dispersaram em outras ocupações e uma pequena minoria dormiu na rua. Atualmente, esse assentamento abriga cerca de 105 famílias desde julho de 2017 e se localiza em uma área no bairro Nossa Senhora Aparecida em Campinas que estava sem cumprir sua função social há mais de 40 anos.



Figura 1: Incêndio promovido pelos agentes militares durante a ação de reintegração de posse na Comunidade Nelson Mandela no Jardim Capivari, em 2017.

Para a permanência na área, as lideranças da ocupação utilizam instrumentos legais para dialogarem com a prefeitura de Campinas, solicitando a legalização do uso do espaço, extensão de prazos e demandas vinculadas, dando visibilidade aos pedidos da coordenação protegendo assim os direitos legais dos

cidadãos que residem a ocupação. Após longos anos resistência e luta por moradia, a agora intitulada Ocupação Nelson Mandela II, hoje com aproximadamente 150 famílias, conquistou o direito ao Loteamento Nelson Mandela, em um terreno público próximo ao atual território em que se localiza. No novo Loteamento, as famílias adquiriram por meio de financiamento com valor social, lotes de cerca de 90m². Nesses lotes estão sendo construídos pela Prefeitura em parceria com a COHAB, o que é denominado de "embrião" - uma construção de 15m² em alvenaria, equipada com instalações básicas como banheiro e pia da cozinha.

Durante sua trajetória, a Comunidade contou com o apoio de diversos grupos, dentre eles, o Móbile, Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) da UNICAMP. Foi a partir da demanda de uma nova sede por parte da comunidade, que se estabeleceu o diálogo universidade-comunidade que é apresentado neste trabalho. Utilizando Por meio do projeto participativo, em sistema de mutirão, a nova sede da Comunidade Nelson Mandela foi construída por moradores, alunos e apoiadores em aproximadamente 5 meses, com recursos de doações e vaquinhas organizadas.

RESISTÊNCIA URBANA:

O ato de ocupar e permanecer em um território é considerado como um ato de resistência urbana, em que se constrói no espaço, no cotidiano e no imaginário uma política de presença. Trata-se de forçar o reconhecimento por parte do outro de que as pessoas ali presentes reivindicam seus direitos como cidadãos e contestam a lógica atual da cidade e do capital.

As organizações coletivas e populares vão contra o individualismo pregado na Cidade do Capital, elas servem como vetor de luta, levando conhecimento e oportunidades àqueles que há muito vêm sendo oprimidos por um sistema que muitas vezes nem entendem (Miraftab, 2016). A negação por parte do Estado e das autoridades com relação às suas responsabilidades para com a população já é também característica da cidade neoliberal capitalista. É a partir disso que surgem dentro das instituições, como as universidades, formas de resistência e exercício democrático por parte dos agentes que ali atuam.



Figura 2: Moradores da Comunidade Nelson Mandela se manifestando em frente à COHAB Campinas.

Na Ocupação Nelson Mandela, assim como em diversas favelas, o senso de comunidade e pertencimento é um dos maiores pilares para sua manutenção e fortalecimento e é a partir disso que um projeto participativo, como o realizado pelo Móbile Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo, se estrutura. A mobilização da comunidade (fig.2) para a participação na implantação de programas, projetos e ações que impactem a vida daqueles que ali vivem é uma das etapas mais importantes e complexas do processo de projeto.

PROCESSO PARTICIPATIVO DE PROJETO DE ARQUITETURA E URBANISMO

O processo participativo, seja ele para produção de unidades habitacionais, equipamentos, áreas coletivas ou planos urbanos está diretamente ligado ao conceito de democracia, ideal defendido por governos e indivíduos pelo seu aspecto de positividade e integração social. Em Arquitetura e urbanismo, no planejamento com as pessoas, o consenso é trabalhado a partir dos pontos de vista e necessidades dos indivíduos, visando a construção não apenas do resultado, mas principalmente do processo de chegada a tal resultado. A ideia principal consiste na adaptação do processo para o suporte das mudanças que surgirão durante o tempo, como um dispositivo de apoio.

A incorporação dos usuários nos processos deve gerar capital social, tornar cada participante uma chave no processo de tomada de decisões, apropriação do espaço e desenvolvimento do senso de lugar, com fins de humanização do espaço construído (Paulichen; Leite; Pina, 2019; Sanoff, 2000). Cada projeto deve desenvolver-se com base nas características dos usuários, sua maneira de viver e as referências culturais que carregam.

É nesse sentido que se estrutura a atuação do Móbile – EMAU do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unicamp. O Móbile é o escritório modelo onde os estudantes realizam pesquisas, debates e produzem projetos arquitetônicos com a finalidade de atender a demanda social da região. É uma entidade de gestão estudantil que trabalha com projetos participativos em parceria com comunidades organizadas e movimentos sociais que não possuem acesso aos serviços de arquitetos urbanistas. Além disso, trabalha dentro de uma estrutura horizontal, sem hierarquia, tanto dentro do escritório quanto no contato com a comunidade, beneficiando-se sempre do diálogo entre todas as partes para, assim, atingir os resultados almejados. O escritório vem realizando diversos projetos com comunidades, destacando-se o trabalho com a comunidade Nelson Mandela, especialmente no projeto da nova sede da comunidade, objeto dessa pesquisa.

O PROJETO DE CONSTRUÇÃO DA NOVA SEDE DO MANDELA:

Quando a Comunidade ocupou o novo terreno no bairro Nossa Senhora Aparecida, foi construído um barraco para ser utilizado como sede da ocupação. Nele, eram guardadas as doações recebidas pela comunidade, itens de valor coletivo e também eram realizadas as reuniões, assembleias e eventos

da comunidade. No entanto, entre 2019 e 2020, a estrutura da antiga sede, que já era muito precária, não resistiu às chuvas e vendavais da época e começou a ceder paredes e telhado (fig.3).

O primeiro contato do Móbile, o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UNICAMP, com a Comunidade Nelson Mandela se deu no começo de 2020, quando outro coletivo extensionista da UNICAMP, o Dínamo - Coletivo de Engenharia Popular, trouxe a demanda de uma nova sede para a comunidade. A partir disso, foram iniciados os esforços para a reconstrução da sede. Enquanto os alunos se mobilizavam com o projeto, promovendo oficinas participativas, conversas com arquitetos formados, professores, produziam plantas de



Figura 3: antiga sede da comunidade, em 2020. Fonte: acervo autoras

estudos e materiais para tornar possível esse sonho (figs. 4a e 4b), a liderança da ocupação mobilizava eventos para arrecadação de dinheiro, como bazares, buscava apoiadores e promovia assembleias com os moradores para incentivar a mobilização por esse bem comum.

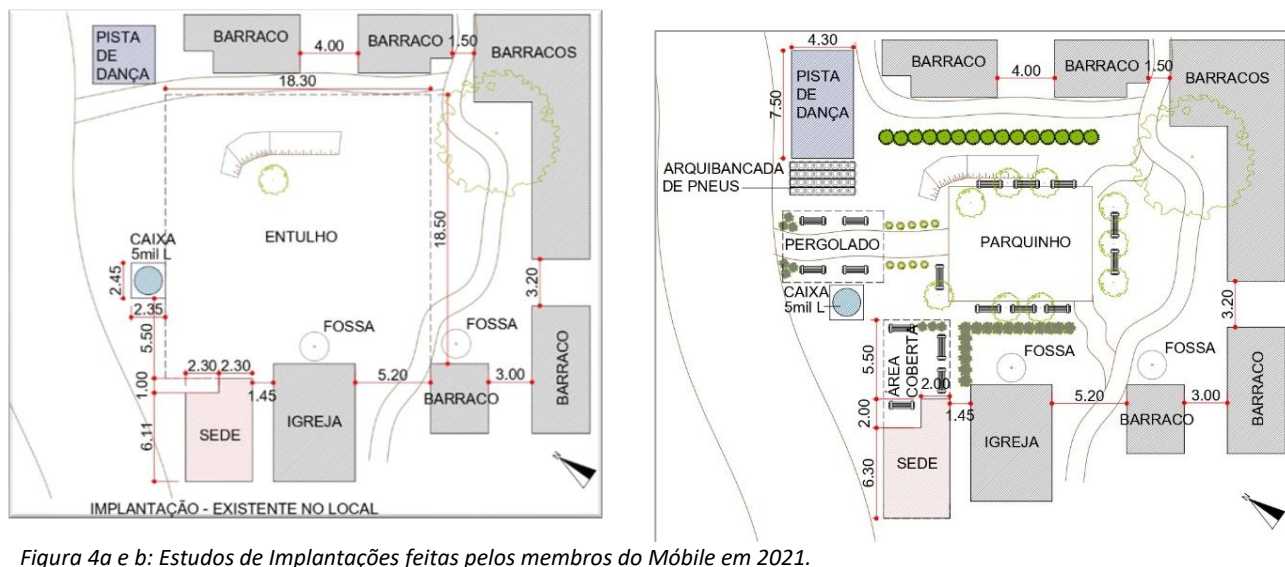


Figura 4a e b: Estudos de Implantações feitas pelos membros do Móbile em 2021.

Após um longo período de mobilização que enfrentou também as dificuldades causadas pela pandemia de COVID-19 que assolou o mundo, tendo seu pior momento entre 2020 e 2022, em março de 2022 foi iniciada a construção da nova sede, concluída em junho do mesmo ano (Fig.5). Todos os materiais utilizados foram escolhidos a partir de três principais parâmetros: durabilidade, reaproveitamento e valor acessível. Assim, a sede foi construída com estrutura de eucalipto roliço e vigas de madeira pinus, vedação em chapas de MDF resistente à umidade estruturadas com montantes de madeira pinus, telhado com telhas de fibrocimento e piso de chapas de madeira compensada fenólica com acabamento em tinta impermeável e estruturadas com montantes de madeira pinus.



Figura 5a e b: proposta para nova sede feitas pelos membros do Móbile em 2021 e 2022

Atualmente, a sede é o coração da Ocupação, sendo utilizada de diversas formas: servindo de espaço de assembleias, eventos, oficinas, formações políticas, cinema, depósito, além de servir de abrigo para famílias que tiveram seus barracos em situação de risco em dias de chuva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante salientar que todo o processo de projeto, execução e conclusão da sede da Ocupação foi permeado por mudanças de prioridades, parâmetros e enriquecedoras trocas de experiências entre os alunos, apoiadores e os próprios moradores envolvidos. A sede tornou-se uma realização de extrema importância, proporcionando à Ocupação Nelson Mandela um significativo avanço. Além de atender às necessidades funcionais da ocupação, ela teve um impacto significativo na mobilização interna da comunidade, fortalecendo as pautas internas e a luta por direito à cidade, à moradia digna e aos direitos básicos que a Ocupação Nelson Mandela protagoniza em Campinas. Outro fator salientado em conversa com um morador da própria ocupação foi o impacto que o projeto teve na percepção externa da comunidade, contribuindo para que a sociedade passasse a enxergá-la de forma mais positiva, influenciando assim nas recentes conquistas da comunidade e demonstrando a força do processo participativo na resistência urbana.



Figura 6a, b, c, d: Fotos dos dias de mutirão para construção da nova sede, em 2022.



Figura 7:Foto da sede da Comunidade finalizada, em 2022.

REFERÊNCIAS

- Paulichen, L.; Leite, R.; Pina, S.A.M.G. Resilience in Architecture: housing as a process. **Strategic Design Research Journal** v.12, n.3, 2019. Doi:10.4013/sdrj.2019.12.17297
- Miraftab, F. Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 18, n. 3, p. 363, 22 dez. 2016.
- Sannoff, H. **Community Participation Methods in Design and Planning**. New York: John Wiley and Sons, 2000.